

ARTES PLÁSTICAS

Sérgio Camargo, um retorno com duas exposições

• A revista mexicana de arte e literatura "Plural" focaliza, em seu número deste mês, com chamada de capa, o trabalho de Sérgio de Camargo (1930), um dos poucos artistas brasileiros que conseguiram, nos últimos anos (ao lado, por exemplo, de um Piza ou um Mavignier), fazer carreira e obter reconhecimento no exterior. Ausente do Brasil durante 14 anos, Camargo, que retornou ano passado, prepara, no momento, sua reentrêe em nosso cenário artístico, com duas exposições simultâneas, a se realizarem em princípios de maio: uma no Museu de Arte Moderna e outra, com peças de menor porte, inaugurando a nova fase da Galeria Grupo B, agora nas mãos de Luís Buarque de Holanda.

Em longo artigo, o crítico Juan Acha, peruano residente no México e colaborador, também, das revistas "Artes Visuales" e "Diorama de la Cultura", analisa as esculturas e relevos de Camargo (prêmio da Bienal de Paris em 1963), a quem considera um artista fundamentalmente ótico — ele tem sido situado também entre os cinéticos — ao trabalhar com estímulos e exercícios sensoriais.

As duas exposições de maio reunirão obras realizadas de dez anos para cá, mas não constituirão propriamente retrospectivas, pois a idéia é apresentar trabalhos que mantenham uma unidade de pesquisa, a partir de determinado elemento de linguagem (uma determinada forma geométrica). Todas as peças pertencem à chamada "fase branca" do artista, em que ele se limitou exclusivamente a esta cor, seja com a madeira pintada ou com o mármore.

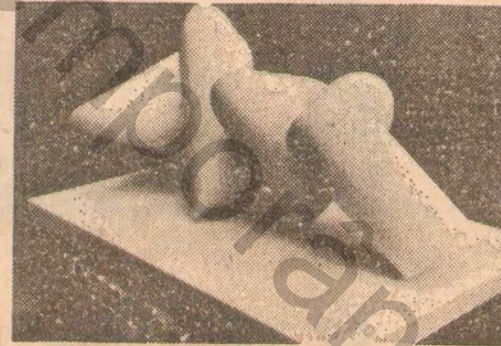
Esses mesmos trabalhos foram expostos, em julho-agosto do ano passado, no Museu de Arte Moderna do México, cujo diretor declarou, na apresentação: "Seu idioma plástico é de nossa época, mas sua obra está acima dela, é de hoje e de amanhã, ou seja, clássica". Na oportunidade, em entrevista à revista "Studio International", dizia Camargo:

— Meu problema imediato é investigar e trabalhar elementos plásticos. A escultura é um trabalho muito especial, porque cria realidades que, sendo feitas pelo homem, são também realidades humanas. Sou eu quem as faz, outros que as vêem. Esta realização está no nível plástico. Mas, no processo criador há, acredito eu, outro nível, vamos dizer um nível psicanalítico. Acredito que qualquer artista realiza uma transferência emocional para o objeto e o objeto é capaz de passar essa transferência ao espectador. A arte tem uma imensa capacidade de comunicação emocional. Mesmo os elementos mais abstratos servem para falar simplesmente de tudo.

SOMIA COUTINHO

Durante a temporada em Paris, Camargo expôs várias vezes ao lado de outros artistas latino-americanos de fama internacional, como Le Parc, Soto Cruz Diez. Para ele, uma das coisas mais importantes que descobriu no exterior foi a identificação com a **latino-americanidade**. Leitor dos novos escritores do Continente (Borges é um dos favoritos), ele não acredita, no entanto, que em artes plásticas seja possível fazer uma pesquisa direta de raízes nacionais, como a que realizaram García Márquez e Miguel Angel Astúrias na ficção.

— Uma pesquisa assim acabaria conduzindo à repetição do trabalho dos muralistas mexicanos, que já foram, e continuam sendo, copiados demais. Se o artista é latino-americano, isto acaba aparecendo, de uma forma ou de outra, no seu trabalho. Recentemente, uma crítico viu em minhas coisas formas geométricas afins às da cerâmica pré-colombiana.



Escultura de Sérgio de Camargo